

AJ009121

Fazenda dá lugar a Campo Grande

MILTON SAMPAIO/AT

O bairro nasceu na década de 50 e hoje é um dos principais pólos econômicos da Grande Vitória



Quem viveu em Campo Grande há pelo menos quatro décadas não imaginava que o bairro seria o mais importante de Cariacica, muito menos com o grande potencial econômico que possui hoje, sendo um dos principais pólos da Grande Vitória.

Antes de se tornar um bairro, o local era uma propriedade rural que pertencia à família Novaes. Na década de 50, a fazenda foi vendida para Expedito Garcia, sócio da Imobiliária Itacibá, que lançou o loteamento do lugar.

Após a divisão e comercialização dos terrenos, os primeiros moradores começaram a chegar. Boa parte era formada por descendentes alemães e italianos que residiam no interior do Estado e se mudaram para a cidade.

A construção da BR-262, em meados da década de 50, contribuiu para o desenvolvimento da região. A obra estimulou a abertura de estabelecimentos comerciais e várias residências.

Muitas pessoas que chegaram do interior do Estado acabavam abrindo algum comércio na comunidade.

Uma das piores dificuldades



Joaquim Lovati com a mulher, Iracema: preservando a cultura italiana no bairro

daquela época era a falta de transporte coletivo. O primeiro ônibus percorreu o bairro ainda na década de 50. O proprietário do carro era um homem conhecido como Zé da Contenda. Ele mesmo fazia o trajeto, algumas vezes por dia, até Vitória.

Há 38 anos, o aposentado Antonino Varejão Filho, 70, se mudou para Campo Grande. "Aqui tinha um brejo onde a gente tomava banho. Havia uma mata, onde os homens do Exército acampavam", lembrou.

Em meados da década de 70, o local foi beneficiado com revestimento das ruas, cujas obras desencadearam ainda mais o crescimento da região.

O nome da avenida principal, a Expedito Garcia, foi uma homenagem a um dos responsáveis pelo loteamento de Campo Grande.

Tempo não apaga carisma

O passar dos anos, desenvolvimento e transformações do bairro Campo Grande, Cariacica, não apagaram o brilho de moradores que até hoje se destacam no local pelo carisma e simpatia.

Um deles é o comerciante Edgard Gonçalves Filho, 70 anos, que não esconde o orgulho de ter nascido no lugar, onde passou toda a sua infância. Seus pais chegaram à região na década de 30 e compraram um sítio na propriedade, que ainda não era bairro.

"Meu pai foi a primeira pessoa que obteve um rádio aqui. Nos finais de semana, minha casa ficava cheia de gente que vinha ouvir as partidas de futebol", lembrou.

Na década de 30, o pai do

morador, Edgard Gonçalves, abriu um comércio no local. Conhecida como "Secos e Molhados", a loja vendia de tudo, até acessórios para caixão.

Outro morador que marca presença em Campo Grande há 40 anos é o aposentado Joaquim Lovati, 79. Natural do município de Iconha, ele e a mulher Iracema abriram um estabelecimento comercial na comunidade. "Atualmente, quem gerencia o comércio são meus filhos", disse.

Com muita disposição, Lovati contribuiu para a preservação da cultura e tradições do bairro. Há 10 anos, o aposentado fundou o coral italiano, uma das atrações do Encontro de Descendente Italianos de Cariacica.

"Garotada fazia a maior festa"

"Passei toda a minha infância aqui. Me recordo quando passavam os carros de boi. A garotada fazia a maior festa. Me lembro até dos nomes dos bois prediletos: Maitá e Coração.

Eu trabalho no estabelecimento do meu pai desde os sete anos e o mantenho funcionando até hoje, mais por um motivo sentimental. Eu precisava subir no balcão para pesar as mercadorias, que eram vendidas a granel.

Embora nosso bairro ainda precise de muitas melhorias, o crescimento foi grande nos últimos anos."

Depoimento do comerciante Edgard Gonçalves Filho, 70 anos.